

## **LEITURAS DISSONANTES: IMPRENSA PERIÓDICA E CULTURA ESCOLAR NA AMAZÔNIA**

Cilene Maria Valente da Silva<sup>1</sup>  
Luiza Pereira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Fundamentado em Bakhtin (2009), Chartier (2007), Souza (2007), Julia (2001), Carvalho (2006), Castro e Castellanos (2017), este estudo investiga leituras dissonantes nos textos da Revista Escola – a revista do professorado do Pará, publicada em 1934-1935. De modo geral, a Revista Escola comporta leituras dissonantes porque se desvia do propósito para o qual o impresso foi produzido.

Este ensaio investiga leituras dissonantes nos textos da Revista Escola – a revista do professorado do Pará, publicada entre 1934-1935. Para tecer a trama de análise recorremos a duas edições da Revista Escola – a revista do professorado do Pará. Como procedimento metodológico, utilizou-se a pesquisa documental, no sentido de desvelar as leituras dissonantes presentes nos textos de autoria de Dalcidio Jurandir,

Neste trabalho, ancoramos o debate em duas questões: É possível identificar nesses textos práticas culturais que apontam modelos e condutas de ensino? Essas práticas culturais podem ser consideradas trajetórias distintas dos dispositivos normativos propostos na Revista Escola? Essas duas questões interligadas nos guiam na busca de identificar, nos textos, trajetórias de leitura que possibilitam leituras dissonantes no contexto de dispositivos normativos homogeneizadores. Com (CHARTIER, 1990) podemos afirmar que quem edita um periódico produz estratégias indicando ao leitor à compreensão que deseja, mas o leitor opera por meio de um conjunto de ressignificações, analisar o que foi produzido, possibilita investigar o que pretendiam os periódicos e refletir sobre os sentidos produzidos a partir da leitura dos textos, que podem se constituir em leituras dissonantes.

Entendemos que a imprensa periódica educacional se constituiu como um modelo de condutas e práticas sociais, porém a interlocução com os textos, cujo conteúdo remete a exemplos que se apresentam além da ideia de modelos, pois eles refletem preocupações fundantes com a função da educação na Amazônia, uma voz não dissidente, mas não controlada, configurando, assim, práticas culturais diferenciadas no contexto de modelização que se constituiu a cultura escolar no âmbito da revista, ao que denominamos leituras dissonantes.

### **Imprensa Periódica: espaço de aprender para ensinar**

Impressos educacionais vêm sendo objeto de estudos de natureza diversa, além de serem suporte e fonte para investigar diferentes aspectos da história da educação, eles próprios são analisados como objetos que conformam o campo da educação escolar porque são portadores de dispositivos materiais estratégicos na produção e ordenação das representações e práticas sociais desse campo (CASTELLANOS, 2017).

No que tange à imprensa periódica, sabe-se que elas representam uma cultura de uma determina sociedade em uma determinada época. Assim, convém destacar que é porta-voz de uma determinada cultura, mas também cria cultura. Em sua pluralidade – *culturas* – e adjetivado, o conceito que insere novas e diferentes possibilidades de sentido, possibilitando

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará-UFPa, Belém, Pará, Brasil. E-mail: [valentecilene@yahoo.com.br](mailto:valentecilene@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará-UFPa, Belém, Pará, Brasil. E-mail: [luizamat2005@yahoo.com.br](mailto:luizamat2005@yahoo.com.br).

identificar práticas de sentidos diversos, que nem sempre refletem a prescrições e normas. Sendo assim, nos permite ampliar a visão para a análise dos periódicos para além de serem somente um dispositivo modelizador dos processos de educação.

A cultura material escolar está centrada na “relação humana com o mundo material” (SOUZA, 2007, p. 11). Considerar as revistas educacionais como artefato da cultura material, significa dar-lhe o estatuto ao tentar flagrar sua materialidade, as ideologias impostas e a “[...]intromissão da indústria no universo escolar não apenas como fornecedora[...]; mas também como produtora de novas necessidades, e não simplesmente reflexo das relações sociais” (VEIGA, 2000). É nessa perspectiva que se analisa, neste trabalho, a Revista Escola edições de 1934 e 1935.

Ao analisar um periódico educacional, impõe-se a análise da cultura escolar, na medida que esse suporte integra a conjuntura dos fazeres pedagógicos. Entende-se, então, como exemplo de cultura escolar, como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 10).

Os periódicos educacionais quando utilizados como fonte para investigar diferentes práticas culturais no âmbito da história da educação, apresentam-se como objetos que modelam o campo da educação escolar porque são veículos de dispositivos materiais essenciais na produção e ordenação das representações e práticas sociais desse campo.

Uma das formas de compreender o impresso educacional é como dispositivo modelizador, que incide no modelo escolar do período republicano. Nesse sentido, a escola, cuja cultura apresenta-se absolutamente escritural, inseriu os impressos como veículo fundamental de repasse de saberes, de organização de suas práticas e de suas dinâmicas temporais, estabelecendo uma ordem dos impressos, no jogo das prescrições e usos desses objetos.

O modelo escolar expresso nos impressos educacionais traduz a sua constituição, mas também o configura. Essa evidência, própria da modernidade, inclusive, liga-se ao processo de surgimento do Estado moderno, cujo papel foi fundamental para a institucionalização da forma escolar nos séculos XVIII e XIX, quando intervém decisivamente ao substituir a Igreja no controle do ensino e criar as condições para a profissionalização dos professores.

### **A Revista Escola – a revista do professorado do Pará**

A partir de levantamento exploratório sobre as revistas que compõem os periódicos educacionais de Belém-Pará, identificou-se onze periódicos no período de 1880 a 1935, de imprensa especializada dirigida aos professores, confirmado assim, o acentuado uso deste dispositivo da cultura material escolar, no sentido de normatizar práticas de organização do tempo e de condutas escolares (CARVALHO; TOLEDO, 2007). Dentre estes, selecionamos dois periódicos para nossa análise, neste trabalho, a saber: Revista Escola, n. 3, v. 1, agosto de 1934 (Figura 1) e Figura 2 - Revista Escola, n. 5, v. 1, setembro de 1935 (Figura 2).

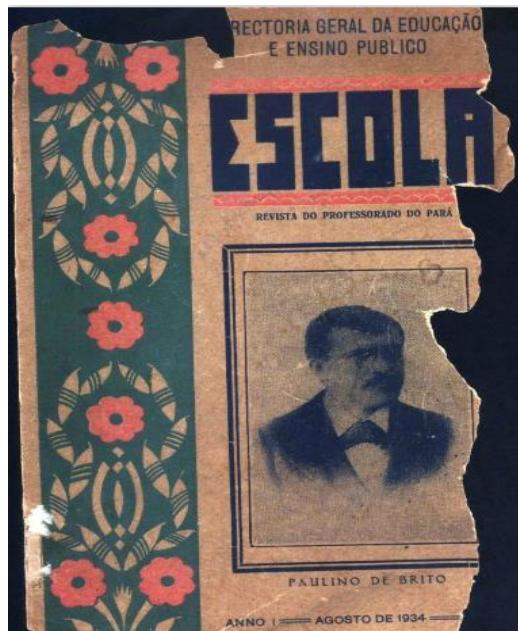


Figura 1 - Revista Escola, n. 3, v. 1, agosto de 1934 – Fonte: Pesquisa documental, Biblioteca Arthur Vianna, 2017



Figura 2 - Revista Escola, n. 5, v. 1, setembro de 1935 – Fonte: Pesquisa documental, Biblioteca Arthur Vianna, 2017

A Revista Escola (Figuras 1 e 2) foi uma criação destinada a melhorar a educação no Pará, sobre a responsabilidade da Diretoria da Instrução Pública, com o objetivo de preencher a lacuna que faltava na administração pública, no sentido de publicar os despachos e notificações oficiais do Governador e do Secretário de Instrução Pública. No entanto, conforme mostra o Quadro 1, além de atos do governo, a revista apresentava seções com Notas da Revista, Palestras Pedagógicas, Artigos, Celebração de data cívica, Propaganda, Biografia de Educadores, Relatório de Congressos, Texto Literário Capítulos de Livros, Atividades Pedagógicas.

<b>Seções</b>		<b>Nº 3, ago 1934</b>	<b>Nº 5, set 1935</b>
1	Biografia de Educadores	1	2
2	Palestras Pedagógicas	10	3
3	Artigos	4	4
4	Capítulos de Livros	1	0
5	Relatório de Congressos	1	1
6	Texto Literário	1	1
7	Celebração de data cívica	4	1
8	Atos do Governo	132	0
9	Atividades Pedagógicas	0	1
10	Notas da Revista	10	7
11	Propaganda	0	5
Total		164	25

Quadro 1 - Sessões da Revista Escola – Fonte: Pesquisa documental, Biblioteca Arthur Vianna, 2017.

Como se vê, a Revista Escola publicava texto de pedagogia, higiene, tradução de artigos publicados em revistas estrangeiras. Possuía também corrente publicação de palestra de professores primários, que compartilhavam a experiência de sala de aula. A divulgação de palestras se constituía na consolidação do modelo de fazer da educação primária. Sendo assim, a revista continuou a trajetória de publicação voltada para instrução popular no Pará.

<b>Nº 3, ago 1934</b>	<b>Nº 5, set 1935</b>
O professor e a criança	O melhor meio de disseminar o ensino primário no Brasil
Oração a pátria	Alma do educador
A escola nova e sua finalidade	Como classifica os alunos?
InSTRUÇÃO da professora normalista	O ensino no estrangeiro
Centro de interesse da professora normalista	Ensaio de crítica literária
Método de cálculos rápidos para coeficiente estatístico O ensino do desenho	Síntese de uma palestra de filosofia pedagógica
O problema do professor rural	Educação e liberdade

Quadro 2 - Temáticas tratadas na Revista Escola – Fonte: Pesquisa documental, Biblioteca Arthur Vianna, 2017

O Quadro 2 traz as temáticas tratadas nos dois volumes analisados da Revista Escola. Como evidência de leituras dissonantes, selecionamos duas publicações de autoria do escritor Dalcidio Jurandir, a saber: O problema do professor rural (Figura 3) e Texto Educação e Liberdade (Figura

4). Nascido em 1909, na Vila de Cachoeira, na Ilha do Marajó, Pará, Dalcidio Jurandir é um escritor que figura entre os grandes romancistas da literatura brasileira produzida na Amazônia. É um literato que ocupa lugar de honra entre os escritores da Amazônia do século XX.

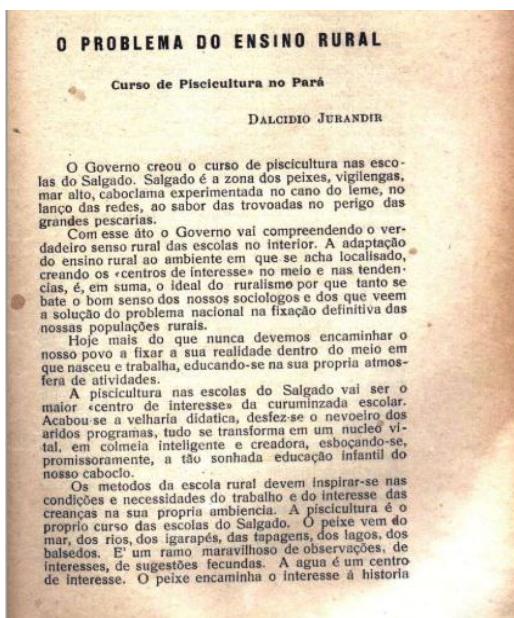


Figura 3 - O problema do ensino rural – Fonte: Revista Escola, n. 3, v. 1, agosto de 1934

Considerando os excertos de 1 e 2, extraídos de *O Problema do Ensino Rural* - Revista Escola, n. 3, v. 1, agosto de 1934, p. 35 a 39 - observa-se a preocupação do autor com o trabalho pedagógico de uma escola da região do Salgado. Ele defende que os ensinamentos da referida escola se realize a partir de uma profunda interlocução com o ambiente, para que os conhecimentos e as condições didáticas se afastem dos modelos instituídos e busquem no próprio fazer cotidianos da comunidade, construam práticas pedagógicas com sentidos para os habitantes do lugar e possam habilitá-los a se desenvolverem no próprio município em que vivem. Com isso, Dalcidio pensava a educação para além da instrução, pois devia promover o desenvolvimento humano.

Hoje mais do que nunca devemos encaminhar nosso povo, a fixar sua realidade dentro do meio em que nasceu, educando-os na sua própria atmosfera de atividade. (Excerto 1)

Os métodos das escolas rurais devem se inspirar nas condições e necessidades do trabalho e interesse das crenças em sua própria ambiência. A piscicultura é o próprio curso das escolas do Salgado. O peixe vem do mar, dos rios e igarapés, das tapagens dos lagos, dos balsedos. É um ramo maravilhoso de observação, de interesses e sugestões fecundas. A água é um centro e interesse. O peixe encaminha o interesse a história natural. (Excerto 2)

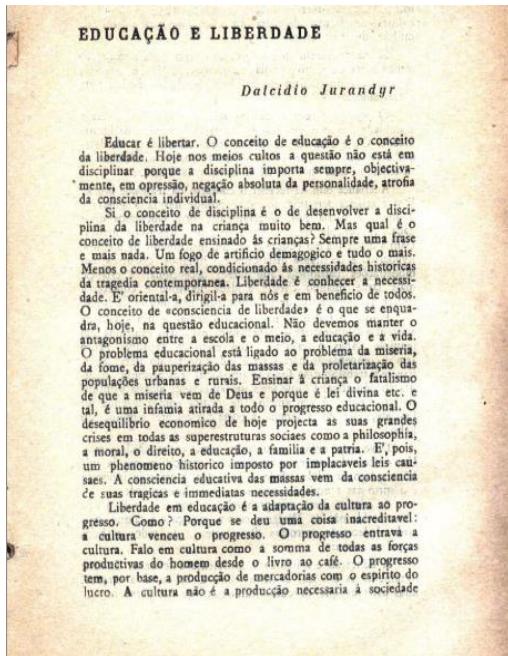


Figura 4 – Texto Educação e Liberdade – Fonte: Revista Escola, n. 5, v. 1, setembro de 1935

Considerando os excertos 3 e 4 retirados do texto Educação e liberdade - Revista Escola, n. 5, v. 1, setembro de 1935, p. 41 a 44 -, observa-se que o autor desenvolve seu ponto de vista no sentido de refletir sobre o que é educação e sua função diante de problemas sociais como a miséria e a fome. Ele argumenta sobre erros graves que o processo educativo fundamentado em explicações morais e religiosas resulta. Então, Dalcídio defende que a educação deve estar em constante interlocução com o meio e os problemas sociais na perspectiva de um fazer pedagógico emancipativo.

Educar e libertar. O conceito de educação é o conceito de liberdade. Hoje nos meios cultos a questão não está em disciplinar porque a disciplina importa sempre, objetivamente em opressão, negação absoluta da personalidade, atrofia da consciência individual". (Excerto 3)

O conceito de consciência de liberdade é o que se enquadra, hoje, na questão educacional. Não devemos manter o antagonismo entre a escola e o meio, a educação e a vida. O problema educacional está ligado ao problema da miséria, da fome, da pauperização das massas, da proletarização das populações urbanas e rurais. Ensinar a criança o fatalismo de que a miséria vem de Deus, e porque é a lei divina etc. e tal, é uma infâmia atirada a todo progresso educacional. O desequilíbrio econômico de hoje projecta as suas grandes crises em todas as superestruturas sociais como a filosofia, a moral, o direito, a educação, a família e a pátria. E pois, um fenômeno histórico imposto por implacáveis leis causas. A consciência educativa das massas vem da consciência de suas trágicas e imediatas necessidades. (Excerto 4)

Determinadas análises historiográficas que têm se dedicado aos impressos educacionais, formação docente e imprensa se articularam no processo de constituição do próprio ofício, no processo de constituição da cultura pedagógica e nos processos de disputas e prescrições de modelos e práticas escolares. Adotando-se essa perspectiva é importante dimensionar a

articulação entre impressos e processos de constituição de modelos escolares, assim como com os processos inerentes à profissionalização docente.

De acordo com análise, a Revista Escola deixou de ser simples informante das ideias de um determinado período, sobre um determinado campo de conhecimento, neste caso o campo é a educação, pode-se também citar a formação de professores, já que serviu como espaço para identificar o anseio dos textos analisados por mudança, por práticas culturais no fazer educativo do professor que supere a simples instrução.

Sendo assim embora a Revista Escola fosse produzida, distribuída pela Instrução Pública do estado do Pará, que os textos analisados fosse de autoria de um funcionário o que concorre diretamente para seu caráter modelizador, não foi só isso que se observou, então os impressos podem comportar usos muitos diferentes da trajetória para os quais foram produzidos, indicando, neste caso, leituras dissonantes.

De modo geral, conclui-se que a Revista Escola comporta leituras dissonantes porque se desvia do propósito para o qual o impresso foi produzido. Em seus textos, Dalcídio Jurandir traz à tona os anseios sociais por mudança, por práticas culturais no fazer educativo do professor que superassem a simples instrução, bem como uma preocupação com a interlocução entre os processos educativos e o ambiente natural amazônico.

## Referências

- CARVALHO, M. M. C.; TOLEDO, M. R. A. Os sentidos da forma e análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: CASTELLANOS, S. L. V. (Org.). *O livro escolar no Maranhão*. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2017.
- CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- JULIA, D. A cultura. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 4, v. 1., p. 9-44, jan./jun. 2001.
- OLIVEIRA, M. A. T. *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOUZA, R. F. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, M. L. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.
- VEIGA, C. G. Cultura Material Escolar no século XX, Minas Gerais. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* nov. 2000. p. 1-9.